



O EROTIZAR DO CORPO ENTRE O QUERER E O NEGAR: uma análise do conto “Sem nada. É a lei.”

Maria Karoliny Lima de Oliveira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)/ oliveirakaroliny94@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem como finalidade realizar uma análise acerca do corpo da personagem feminina Letícia do conto “Sem nada. É a lei!”, retirado do primeiro livro de contos da autora contemporânea, Dôra Limeira, *Arquitetura de um abandono* (2003). No referido texto são abordadas questões como o desejo sexual e o erotismo no corpo feminino que, caminham sob a linha tênue entre querer demonstrar o desejo e ao mesmo tempo negar essas sensações que o corpo apresenta por receio dos padrões e preconceitos. Destarte, este artigo levará em consideração a forma que o erotismo é representado na narrativa limeiriana, observando como os sentidos da personagem contribuem para a realização de seus prazeres.

PALAVRAS- CHAVE: Erotismo, Feminino, Corpo, Dôra Limeira.

INTRODUÇÃO

É sabido que o corpo feminino, independentemente do modo como se apresentada à sociedade, é visto constantemente de maneira sexualizada, como um objeto de desejo e prazer. Em decorrência disso, grande parte das mulheres, por receio do que pode acontecer, prefere esconder sua sexualidade e viver conforme os ditames da sociedade.

Nesse sentido percebe-se que, em uma sociedade na qual é proibido demonstrar os desejos, trazê-los à tona se torna um ato revolucionário para a sociedade que, acostumada com padrões criados pela ordem patriarcal, impede os indivíduos de expressarem suas verdadeiras identidades.

Então, a partir da premissa de que através do corpo demonstramos o que sentimos (seja com atitudes conscientes ou não),

esse se torna estritamente ligado ao poder. Acerca disso, Liane Schneider (2000, p.124) argumenta que: “O poder do corpo residiria na busca do prazer, uma busca que coloca o indivíduo em constante estado de desequilíbrio, inquietação e movimento”. Pode-se inferir que a busca pelo prazer que foi reprimido pelo jogo de padrões sociais e poderes políticos, quando demonstrada, quebra a identidade do indivíduo tornando-o perturbado e fora dos padrões sociais.

Nessa perspectiva de corpo, poder e sexualidade, Georges Bataille (1987, p.12) considera que “[...] a sexualidade é uma experiência que permite ao ser humano ir além de si mesmo e superar a descontinuidade que condena o ser”. Nesse sentido, percebe-se que é através da sexualidade e da busca dos prazeres, que refletimos quem realmente somos, pois os prazeres e experiências interiores de cada



indivíduo podem compor e orientar o caminho para uma identidade sexual plena e libertadora.

A partir dessas discussões pretende-se analisar o conto “Sem nada. É a lei!” escrito pela contista e historiadora Dôra Limeira. Observar-se-á no decorrer da narrativa: as diversas sensações que são despertadas pela protagonista, o modo como o corpo feminino é erotizado e os poderes contrários que ela apresenta (querer/negar), pois ao mesmo tempo em que a personagem tenta vivenciar os prazeres, também, os dissimula por receio das leis sociais que imperam no ambiente, no qual acontece a narrativa.

Para tanto, utilizaremos como suporte teórico os pressupostos de Georges Bataille (1987) sobre o erotismo, bem como as teorias de representação do feminino de Liane Schneider (2000).

1. UM BREVE OLHAR SOBRE O EROTISMO

A contemporaneidade é uma época em que a exposição dos desejos sexuais e do sexo, em si, tem se manifestado no cotidiano dos indivíduos e nas diversas representações culturais, com maior ênfase. Aqueles que vivem envoltos às regras estabelecidas pela ordem, uma hora ou outra, precisam fugir das regras sociais e, mesmo que seja por um instante, sobreviver entre a linha tênue que existe entre o comportamento reprimido e a euforia.

É nesse ínterim que, de acordo com o filósofo francês Georges Bataille (1987, p. 62) acontece à quebra de limites do homem, sendo, pois o erotismo uma “infração à regra dos interditos”. A esfera social se tornou um ambiente rodeando de regras criadas pelo homem e, esse, desde que começou a ter noção da convivência em grupo, criou as proibições.

Assim, tudo ao redor do homem exige um comportamento controlado; tudo deve ser contido, principalmente, a sexualidade. Contrário a isso, é este sentimento de quebra de limites e de busca pelo prazer reprimido que Georges Bataille chama de erotismo.

Em O erotismo, Bataille (1987), escreve sobre morte, erotismo, religião e sexualidade e, relata que ambas estão estritamente ligadas à individualidade do homem, que diante da solidão rebaixa-se e aniquila sua própria sexualidade. Dessa forma, erotismo, para o escritor francês, surge da sexualidade e precisa dela para se manter.

Em consonância com isso, é sabido que o corpo humano convive com a constante procura por algo que possa efetivar seus desejos e prazeres de sua vida. Esses desejos são totalmente reprimidos e contidos, o que configura-se em uma constante busca verdadeiro Eu, onde os desejos são plenamente realizados. Assim, compreende-se que “o erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão”. (BATAILLE, 1987, p. 20).



O escritor, aqui já citado, enxergou no erotismo um ponto entre o natural e o social, algo que superava a descontinuidade do indivíduo. Ainda, para o autor, o homem é um ser descontínuo, pois nasce e morre sozinho, como se a morte tivesse um peso de continuidade ao substituir o isolamento do ser.

Para Bataille (1987, p.165) “[...] a sexualidade humana é limitada pelos interditos, assim a proibição e a quebra da identidade separam o homem de seus desejos eufóricos, pois é a partir desse momento que o indivíduo se percebe enquanto um ser que possui uma experiência interior e pode resistir às regras do meio externo.

Nesse sentido, a ideia que a sexualidade é despertada no indivíduo se transforma em um instrumento de poder, através do qual o sujeito passa a existir dentro de si mesmo, em sua interioridade e não para o outro. Bataille, (1987, p. 72) afirma que:

O erotismo deixa entrever o avesso de uma fachada cuja aparência correta nunca deve ser desmentida: no avesso revelam-se sentimentos, partes do corpo e maneiras de ser de que temos habitualmente vergonha.

A partir disso, é possível compreender que a existência ganha sentido no ‘avesso’, pois nesse não há limites para o ser, e aquilo que antes seria limitado por uma moral social é desfeito.

Dessa forma, o erotismo se torna acessível para os indivíduos quando perpassa a experiência interior, pois desobedece, às vezes, até

involuntariamente, a interdição. Para Bataille (1987), a interdição seria uma das formas de repressões que o poder exerce sobre o sujeito, logo, se esse assume seus desejos estaria violando e resistindo ao interdito.

Dessa forma, infere-se que a sexualidade restringida aos padrões de normalidade construídos pela ordem familiar deveria ser então disciplinada pelos sujeitos e, assim, iniciar um ciclo de regras e proibições. Sendo, pois, o saber, os sentidos e os desejos dos sujeitos regulados pela ordem social, desperta assim na interioridade de cada pessoa o poder através da sexualidade.

Se pelo viés da sexualidade os sujeitos se empoderam, pode-se então perceber que o erotismo seria como um meio de resistência, pois é através do erótico reprimido que os sujeitos se desvencilham do poder controlador, tomam consciência e decidem o que deve ser proibido ou não.

2. O CORPO FEMININO EROTIZADO E SUAS AMBIVALÊNCIAS

A narrativa escrita pela historiadora, Dôra Limeira, estudada nesse artigo, relata todo um sistema de regras vigentes na sociedade contemporânea. As ideias representadas durante a narrativa buscam desconstruir a ideia de feminino puro e silenciado, pois traz uma personagem que em meio a um ambiente imerso em regras tem seus desejos e prazeres despertados no caminho de seu



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

trabalho até a sua casa, com as mais diversas situações eróticas.

A protagonista, Letícia, sente que não pode expressar seus prazeres e os dissimula por medo das leis e proibições que a cercavam: “Dentro do ônibus, Letícia viaja em seus pensamentos, não repara que um senhor, um guarda noturno – via-se pelo uniforme – se chega por trás dela, são tantos os empurrões, que não nota nada de diferente. Aos poucos, percebe a respiração do senhor junto a seus cabelos, descendo ao seu pescoço. Seu corpo reage, tenta se afastar, não consegue, tenta novamente”. (LIMEIRA, 2003, p. 68)

O corpo da personagem deseja viver os prazeres, ao mesmo tempo em que ela tenta resistir aos mesmos, impondo-lhe certos limites. Os limites segundo Georges Bataille, influenciado pela libertinagem do escritor Sade, despertam ainda mais o desejo do indivíduo: “Derrubar uma barreira é, em si, algo de atraente; a ação proibida adquire um sentido que não tinha antes, quando um terror, ao nos afastar dela, cercava-a com um halo de glória. “Nada”, escreve Sade, contém a libertinagem [...], a verdadeira maneira de espalhar e multiplicar os desejos é querer lhe impor limites. Nada contém a libertinagem [...], ou melhor, de forma geral, não há nada que reduza a violência”. (BATAILLE, 1987, p.32)

Diante da ideia que infringir uma regra já pode ser considerado algo prazeroso, o que antes era considerado algo totalmente ofensivo, agora desperta a curiosidade, a atração e o desejo da personagem Letícia. É justamente a partir dos limites criados em sociedade que surge, na

personagem analisada, uma grande preocupação com o olhar do outro.

O mundo tem vivenciado um período de grande libertação sexual devido às grandes transformações de lutas feministas, que aconteceram em sociedade, mas ainda está presente certa preocupação quanto ao olhar, o pensar e o agir do Outro.

Na narrativa limeiriana, essa característica fica evidente quando a personagem vê que ferir as regras seria motivo de constrangimento em frente a todos, e assim ela silencia os prazeres sentidos: “Letícia não sabe mais o que fazer. Seu corpo vibra, vibra, vibra. A cada balanço do ônibus, a cada freada, a cada curva, ela jaz cada vez mais entregue, o cio mais aflorando, surdo, mudo, em segredo, mexendo entre suas pernas, entre todos os recantos pares do seu corpo”. (LIMEIRA, 2003, p. 70)

O corpo da personagem deseja explodir em êxtase nessa experiência erótica. É nesse instante, que a personagem conhece o prazer pleno de seu corpo, mas que no pensamento da protagonista, seus desejos só seriam completos ao chegar à sua casa.

Ainda na narrativa, há um erotismo que é representado pelos diversos prazeres da personagem paralelo a discursos e situações opressoras dentro de determinado ambiente social. A liberação dos desejos e plenitude do gozo representa, dentro da narrativa, a natureza pulsante do corpo feminino: “Numa curva fechada, o guarda noturno se inclina mais e lambe discretamente o pescoço de Letícia... Aaaaiiiiiii ela sente seu clitóris devassado, mordido”.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(LIMEIRA, 2003, p.70). Os sentidos da personagem se tornam mais evidentes de acordo com as sensações que estão sendo despertadas, em seu trajeto diário: “Uma freada brusca empurra mais o corpo do senhor para junto do corpo de Letícia, e instintivamente, ele segura-a pelos ombros para melhor se apoiar. (...). O quadril de Letícia já experimentava nitidamente uma saliência encostando, encostando, se esfregando. A moça tenta retesar o quadril, mas não dá certo, o quadril muito empinado. Pensou em se virar, seu rosto ficaria de frente para ele, mas reflete: não, ele pode até disfarçadamente bolinar meus seios. Não, tenho que aguentar firme”. (LIMEIRA, 2003, p. 70) (grifos do trabalho).

A sensualidade do corpo (ombros, quadril, rosto e seios), da personagem vai sendo descoberta pela libido que, aos poucos é despertada através do desejo do Outro (guarda-noturno), bem como a partir da percepção erótica que o ambiente lhe fornece.

O ato de entrega do corpo de Letícia aos outros personagens que aparecem no texto (guarda-noturno, o estudante) pode ser explicado por Bataille (1987, p. 20) quando o filósofo diz que, o erotismo “procura constantemente fora um objeto de desejo. Mas esse objeto responde à interioridade do desejo”.

Limeira (2003) representa esse aspecto em seu conto quando mostra uma personagem que busca encontrar, fora de si, algo para saciar o seu desejo interior e assim obter a plenitude do seu gozo: “De repente se lembrou que nunca mais tivera um namorado”. (LIMEIRA, 2003, p.69). Letícia, fantasia e resgata a ausência de relacionamentos em sua

vida, redirecionando esses pensamentos para aquele momento, que é extremamente erótico.

São verificados na narrativa, aspectos do erotismo que colidem com as relações sociais. Pois, ao ter contato com os processos que ocorrem no ambiente circundante a personagem põe em questão todas as práticas baseadas na lei social, deixando que as fantasias sustentadas durante a vida tomem posse de seu corpo, mesmo em meio às atribulações: “Num relance, o estudante lambe os próprios lábios com distraída lascívia e mergulha a língua nos olhos de Letícia. A língua do estudante mexe e atinge suas partes íntimas, seu corpo estremece e intumescce. Letícia muda a direção do olhar, e algo se agita dentro dela”. (LIMEIRA, 2003, p. 68)

É interessante observar que, durante toda a narrativa os prazeres são despertados através do corpo da personagem, trazendo à tona um assunto que desde os anos 70 tem sido abordado por pesquisadores da área. Nesse período, os estudos feministas se empoderaram dos próprios corpos, na luta contra toda a discriminação e desvalorização do corpo da mulher.

O dilema em que a personagem vive entre viver os prazeres do corpo ou dissimular-los causa uma ambivalente angústia acerca das limitações sociais, expressa na narrativa, quando a personagem anseia um futuro melhor: “Letícia sonha em ter um carro. Sonha um dia poder chegar em casa menos cansada, menos triste. Sonha em casar, ter filhos, sair de Mangabeira e morar na praia, como muitas das suas colegas tinham conseguido. Tem nível superior, espera com isso



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

melhorar de situação”. (LIMEIRA, 2003, p. 68).

Distraída, nos próprios sonhos e fantasias, a personagem se entristece ao lembrar-se das próprias condições sociais. Angustiado e frágil, Letícia se encontrava em condições propícias para querer fugir das correntes ligadas às leis sociais.

Na narrativa em análise, a lei pode ser interpretada a partir da lei patriarcal, a qual o masculino é o sexo predominante e mantém um controle sobre os indivíduos que vivem em sociedade, principalmente as mulheres, que de acordo com esse pensamento, jamais deveriam desencarcerar seus desejos, mas manter-se nas condições impostas pela Ordem. Nesse contexto, libertar os desejos seria uma forma de quebrar com as correntes da lei, nem que fosse por pouco tempo. A mesma Lei que torna silenciados todos os desejos considerados impuros, no interior dos indivíduos.

Outro aspecto relevante na narrativa é o sentimento de resistência que a personagem apresenta diante das proibições. Pode-se notar que a personagem, ao mesmo tempo, que sente os desejos aflorando em si, os nega, pois teme que seu corpo fosse visto como impuro. O prazer social do corpo sempre esteve mais ligado ao homem “que deveria satisfazer a si no uso do outro”, como afirma Silva (2010, p.146).

Nessa reflexão pode-se lembrar dos fatos sócio- históricos que marcaram a história das mulheres, quando elas começam a romper com o silêncio sobre as questões do corpo e lutam pelo direito ao prazer. As mulheres passam então a

utilizar o poder do corpo para libertarem sem culpa seus desejos e prazeres.

Cabe aqui registrar, o desejo de autonomia feminina representada nos pensamentos e percepção da personagem. Na narrativa, ela desconstrói uma moral passada e sustentada por várias gerações. A ideia de mulher casta e pura decai quando a personagem dá vez e voz a liberdade sexual se empoderando de sua maior arma: seu corpo: “Letícia queria somente chegar, se despir e banhar-se demoradamente. Descarregaria a ansiedade no banheiro, sob o chuveiro, a duchinha percorrendo-a, a saliência úmida do senhor saltaria do zíper para a ducha, a língua do estudante mergulharia em todas as suas reentrâncias. Seu corpo pede piedade, seus pensamentos pedem ajuda”. (LIMEIRA, 2003, p. 72)

A prática masturbatória, percebida no trecho acima mostra ao leitor que, para a personagem, a plenitude do gozo naquele momento seria sua única preocupação, não importando quais os meios que utilizaria para alcançar tal feito. Para ela, seria relevante apenas o que sentia, aquilo que vinha do seu interior, assim como afirma Bataille, no livro já citado: “Todos nós, eu e vós, existimos por dentro” (1987, p.10).

Ao final da narrativa, o destino da personagem não fica claro ao leitor, mas diante de algumas informações ditas pelo narrador, pode-se entender que Letícia morre sozinha e sem nada, assim como determina a lei para todos aqueles que se atrevem a transgredi-la: “Aos primeiros raios de sol, os transeuntes passam por Letícia



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

inerte na calçada, pálpebras azuladas e meio abertas. Sem o estudante e sem o homem intumescido. Sem salário, sem carro e sem irmã. Sem nada. É a lei”. (LIMEIRA, 2003, p. 72).

O que importa ressaltar aqui é que a morte seria, neste caso, um ato de punição para a personagem, mas não se pode comprovar que a possível morte de Letícia esteja ligada diretamente com a quebra da moralidade social. No entanto, é possível afirmar que, mesmo exposta às normas e repressões sociais e sexuais, a personagem conseguiu sentir e viver, timidamente a plenitude do gozo através do próprio corpo erotizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado nesse artigo, pode-se constatar que a protagonista apresenta em seu corpo sensações eróticas, assim como algumas ambivalências no decorrer da obra, como o querer e o negar os limites e a euforia. Esses aspectos foram analisados como formas de resistência para a personagem feminina, que encontrou no erotismo uma forma de vivenciar seus prazeres reprimidos pela ordem familiar e social.

A partir da biografia selecionada para essa análise foram comprovados esses aspectos na obra. Através da teoria de Georges Bataille, podem-se destacar as características eróticas da personagem, assim como Liane Schneider que contribuiu na análise com sua definição de poder e representação literária. A personagem vive entre os limites impostos socialmente, sente seus prazeres perpassando as proibições e encontra na

sexualidade uma forma de libertação para os desejos.

Através das discussões levantadas, nota-se que o objetivo inicial para a pesquisa foi alcançado, ficando a seguinte reflexão: A partir dos preceitos sociais existem as leis que para a grande maioria se tornam fundamentais, como se a ausência delas deixasse os indivíduos alheios. Assim, seria a lei responsável por colocar ordem ao caos e as proibições, ou seríamos apenas máquinas de obediência e não seres humanos? Pensamos que se formos capazes de controlar nossos desejos, tendo consciência no que determinados ser ou não proibições, poderíamos libertar os impulsos do Eu sem deixar de viver em sociedade com o Outro.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Antonio Carlos Viana. — Porto Alegre: L&PM, 1987. 260p.

LIMEIRA, Dôra. **Arquitetura de um abandono**. João Pessoa: Ed. Manufatura/2003. 134p.

SCHNEIDER, Liane. A representação do feminino como política de resistência. In: PETERSON, Michael & NEIS, Ignacio Antonio. **As armas do texto**: A literatura e a resistência da literatura. Porto alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000, p. 119-139.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina**: vozes de permanência e poética da



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

agressão. – Campina Grande:
EDUEPB, 2010.



www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br